

Informes:

- Será enviado por e-mail o projeto dos nossos encontros (Mônica e Sueli);
- Caso alguém não receba os textos entrar em contato com a Meire. Sempre haverá texto(s) para ser lido antes das aulas;
- Daqui a uns dez dias teremos acesso a um Blog, no qual poderemos fazer comentários. É mais um meio de comunicação que vai ajudar a compor os nossos encontros;

A Mônica iniciou falando sobre os dados das avaliações do encontro anterior: “Saio do encontro pensando”. Dentre todos os pensamentos que foram citados discutimos sobre o **conhecimento provisório**: O que é? É a precariedade do conhecimento, ninguém está pronto. Estamos sempre aprendendo.

Você não tira o conhecimento de uma pessoa e coloca outro no lugar. Os conhecimentos são processos, iniciam-se a partir do que já está construído. Quando falamos em Educação, estamos diante de uma prática social. Os conhecimentos produzidos são impactados pelas “humanidades”. Sofremos porque não temos parâmetros explícitos, nosso conhecimento se tece na prática social, que por si, já é precária. Somos muito conduzidos por valorações. As normas e os métodos respondem apenas a uma parcela das nossas questões na educação, porém não tem todas as respostas, pois as relações nos agrupamentos são bastante insipientes. Podemos reconhecer que **um dos nossos maiores desafios é a relação no ambiente educacional**. Isso conta demais no plano da educação.

Mesmo com todas as circunstâncias favoráveis para a formação, haverá dificuldade, pois cada pessoa tem um plano no saber. O formador irá se frustrar se eu não tiver consciência disso. As pessoas partem de lugares diferentes. É uma visão idealizada achar que todos estarão trilhando o caminho do conhecimento de acordo com o que a gente acredita. Phillippe Perrenoud traz essa visão como sonho, ilusão. É impossível garantir isso. Cada um vai construindo seu conhecimento como em uma terapia: vai se tecendo no próprio processo que é artesanal de quem faz. O terapeuta não idealiza onde vai dar esse processo. Da mesma forma, o formador não sabe que construções serão realizadas a partir das formações. Essa é a dificuldade imensa que temos na educação. Não é possível lidar com o conhecimento do outro. Não temos a visibilidade das nossas intervenções em curto prazo. Às vezes, uma formação que acontece hoje, em alguns elementos do grupo, só trará mudanças muito tempo depois, até em outra unidade em outro contexto.

Pode ser uma frustração para o formador não ver o resultado do seu esforço realizado no plano da formação. Por isso a importância de ter essa clareza.

O discurso pedagógico é muito avançado nas legislações e na oralidade dos profissionais, porém na prática é bem diferente. Já “queimamos” muitas palavras como autonomia, cidadania, etc. Essas palavras hoje são “chavões”, estão na boca de todo mundo, mas ainda não nas práticas da grande maioria.

Organicidade em educação não está posta. A creche tem um histórico particular e as pessoas que ali atuam também tem sua história particular e assim também ocorrem nas outras modalidades de ensino. Não é um problema nosso, da nossa casa. Historicamente a educação nunca foi foco realmente. Não vislumbramos nem mesmo as nossas problematizações. A diversidade, por exemplo, já é discutida a muito tempo atrás na Europa e agora que estamos no Brasil.

Quando as relações são muito aproximadas, falta o afastamento. É muito importante um olhar de fora. Ficamos tão alinhados a um discurso que não conseguimos o distanciamento necessário para enxergar determinadas coisas.

Temos urgências em determinadas questões e, ao mesmo tempo, precisamos respeitar o processo de cada um. O formador fica entre a “cruz e a espada”, pois, ainda resta a angústia de saber que a criança só é criança uma vez. Precisamos eleger o que é urgência e para o que se pode dar um tempo. O que pode esperar? Pluralidade de materiais, organização do espaço, etc. O que não pode esperar? Atitudes

preconceituosas ou que gerem constrangimentos nas crianças, práticas que venham podar as crianças em suas espontaneidades e suas necessidades. Isso é uma questão de urgência.

Tem gente que discorre sobre Vygotsky como se tivesse morado com ele e na prática comete atrocidades.

Em alguns momentos é preciso fazer valer a liderança estatutária para dizer para aquela pessoa, que naquele lugar não pode agir daquela forma. Quando a questão é urgente não dá para ter generosidade.

O que falta na verdade na Educação é a construção de princípios norteadores. Festa Junina, por exemplo, faz tempo que deixou de ser algo com enfoque religioso, hoje o caráter é folclórico, regional, histórico. Não posso negar o que é acúmulo cultural do local onde eu vivo. Isso nos mostra que não temos claro o princípio da laicidade.

A formação contínua, por mais errônea que esteja dá mais resultado do que formação inicial que é muito distante da prática de fato.

Outro problema é a pouca permanência dos profissionais em uma escola. As mudanças constantes não favorecem o processo pedagógico.

PADRÕES DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO

- ❖ Relação de poder e o exercício da autoridade
- ❖ Culturas Docentes
- ❖ Culturas Institucionais
- ❖ Lógica Burocrática X Lógica das Relações

Todos nós temos momentos de : “Pare o trem que eu quero descer”. Mas não podemos ficar paralisados nesses momentos. Vamos sair da lamentação, sair do imobilismo. O lamento vem das coisas que são colocadas para você. O contexto de fora tem um embate na gente. Achamos que tem que mudar lá fora para mudarmos aqui dentro. Atribuímos ao outro. Temos argumentos. Porém, não podemos ficar olhando só para fora, pois se não perdemos o foco. Tenho que ter clareza dos lugares de luta para as questões de políticas públicas ampliadas. A luta precisa acontecer, mas não podemos abrir mão da questão profissional. A muitas coisas para mudar no interior. Às vezes, não nos damos conta daquilo que fazemos e muitas vezes temos que nos conformar momentaneamente com aquilo que não podemos mudar.

O cerne do nosso trabalho é fazer escolhas: o que tratar em HTPC? O que precisa ser pontuado apenas com determinados professores, ou auxiliares? O que precisa ser com toda equipe?

Uma criança com necessidades especiais não é só de um professor, mas de toda a equipe, assim as discussões deve pertencer a todo grupo. Temos que dividir.

No histórico da creche avançamos muito. Antigamente o critério era: gostar de criança e ser é mãe. Isso não quer dizer que está bom, mas já foi muito pior. As coisas são bastante lentas na Educação. Para exemplificar, o documento “Critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças” foi escrito há muito tempo (MEC, 1995), porém não foi explorado, discutido nas unidades, nas prefeituras. Recentemente, foi reeditado e parece novo.

Outro ponto importante é buscar nas formações trabalhar com a conscientização. Sem consciência só se inibe a ação temporariamente. Por exemplo, em um encontro com orientadores pedagógicos, diretores e coordenadores, estes saiam todo tempo durante a formação para atender celular. Caso fosse colocado um placa: “Favor desligar os celulares”, sem uma conscientização, muito provavelmente, nos próximos encontros seria preciso colocar outras placas como: “Não vender Natura”, “Não trazer sacolas”, etc. Se o assunto não foi discutido com o grupo e não houve conscientização, isso resvala a uma prática moralizadora. É igual às várias campanhas que aparecem. Tudo isso é momentâneo, a hora que acaba a campanha o velho comportamento volta. Após os gestores se conscientizarem que não são tão imprescindíveis assim na escola, que poderiam delegar poder para outras pessoas, os celulares pararam de tocar.

Por conta disso, é importante trazer as discussões para todos os atores educacionais. Os gestores não devem tomar as questões para si e sim intervir de forma educativa junto à equipe. O que as pessoas têm a dizer sobre determinada questão? Como respeitar as várias vozes dando espaço para cada uma delas?

Dinâmica:

Escrever a primeira ideia que vem à mente em relação às palavras abaixo:

Criança: _____

Papel de gestor: _____

Problema da sua unidade: _____

O QUE SÃO AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS?

Cada instituição pública tem uma lógica. As pessoas vão incorporando essa lógica. Quando mudam de instituição precisam se adaptar a outra lógica. Os gestores precisam cuidar para não partirem do pressuposto que os professores que vem de outra unidade já dominam a lógica daquele lugar. Temos aí uma mega responsabilidade ao recebermos novos membros na equipe.

As nossas instituições historicamente respondem a uma **lógica burocrática** (Marques Verder). O que é uma lógica burocrática? O que caracteriza?

Ela tem por um lado alguns elementos de proteção à prática social em forma de leis e que protege as pessoas, como por exemplo, da valoração, do subjuntivo, das práticas de poder avassaladoras, etc. Por outro lado, pretensamente visa o controle. Ela universaliza o que é absolutamente complexo, ou seja, as questões são tocadas de forma universal. Essas leis, não respaldam grande parte das questões educacionais. Quantas vezes você já foi surpreendido por alguns episódios do cotidiano aos quais não acha resposta em lugar nenhum? Isso significa que a legislação não dá conta da prática social. Vamos encontrar sempre uma tensão entre a lógica burocrática e aquilo que pulsa na lógica das relações. Muitas coisas precisam ser construídas com o grupo. Uma forma para que a gestão consiga garantir isso é criar comunidades colaborativas.

Para isso, é preciso pensar na relação de poder e no exercício da autoridade. Já virou jargão as pessoas dizerem: "Não confundir autoridade com autoritarismo". Precisamos pensar em outra forma de lidar com o poder: promover pelo processo, a ideia de circulação de saber e de poder. Uma unidade não pode ter uma ou duas pessoa como detentoras do saber.

Por exemplo, em uma especificação do plano curricular, como seria isso dentro da escola? Quando ocorrem mudanças curriculares (cultura africana, trabalho com a música, etc.), como que isso chega para aos professores? Isso vai por uma via de discussão para compor o Projeto Político Pedagógico? Em que medida os professores discutem de forma direta? Como se vê o impacto na prática?

Na visão de muitos professores essas discussões não são realizadas. "Na minha unidade quem decide é a gestão."

E-mails para solidificar a comunicação? Onde isso vira uma prática na sala de aula?

Não temos que tratar de temas. Temos que falar de pano de fundo: **modos operantes**.

Onde está a discussão sobre espaços? Incomoda uma brinquedoteca parada? Incomoda ela cheia sem proposta de trabalho? Ou que os brinquedos estão em cima dos armários? Para que prática de registro que não conta a respeito das crianças, dos processos? Os tempos das unidades estão definidos? A importância do brincar já foi discutida?

Os temas trabalhados são esquecidos se não forem de fato incorporados à prática. Portanto, é preciso falar sobre algo mais amplo que caiba em qualquer tema. O projeto que está em processo na escola tem que ser sempre maior do que os temas que venham de fora. Temos que ter clareza do que queremos.

Os professores são obrigados a fazer circuito? A diversificada é colocada de forma distorcida? Pois esta foi trazida como uma proposta para garantir a diversificação de atividades em uma sala de aula (referência: Zapauza), ou seja, não poderiam ter trinta crianças fazendo a mesma coisa, trinta trabalhos iguais. É fazendo coisas diferentes que as crianças são criativas. O conceito de atividade diversificada tem

que ser discutido. Tem coisas que são base. Então vamos discutir as bases. É diferente de tema. É aí que mora a grande questão do processo de formação.

Onde cabe a africanidade? Na música, no teatro, na dança? Mas antes eu preciso saber que é importante cantar.

Não é para jogar tudo fora, mas sim compreender o que eu faço com isso. Os temas são recorrentes têm seus tempos. O que tem que vigorar é o movimento. Algumas coisas são difíceis de romper.

Um exemplo sobre isso é que algumas unidades apoiadas por um projeto receberam muitos oficinas. Um deles, Chico dos bonecos, após discussão ampla, contação de histórias, bonecos que saiam lá do fundo do baú, etc., um tempo de oficina e já todo grupo da escola era envolvido: era Chico dos bonecos “na veia” por um período. Algum tempo depois: cadê Chico dos bonecos? Já não existia mais. Desapareceu. Pode vir quem for. A pessoa mais iluminada possível. Se não for trabalhado que as crianças são capazes de... nada vai acontecer. Você pode encher a escola de brinquedos, de lego, de bonecos... mas se as pessoas não tiverem consciência da importância do brincar o lego vai desaparecer, as crianças vão levar o lego no bolso, quem for varrer vai jogar as peças de lego no lixo...

A criança traz experiência em algo que temos que dar continuidade. É preciso ampliar as possibilidades culturais delas. E, não podemos tomar a nossa cultura como base. No nordeste é determinado tipo de música que eles aprendem. Se vierem para São Paulo vai haver um choque.

Às vezes o discurso é: “Ah! Na minha unidade o eixo de trabalho é o brincar”. Então vamos à unidade. No modo operante (é a forma de operar de um lugar), as crianças estão na sala de aula em um dia ensolarado e por duas horas não há crianças brincando na área externa. É de se questionar... Ninguém na brinquedoteca, a qual está apagada, trancada à chave, arrumada! Algo está errado. Caixa de construção em cima do armário e os colchões no chão...

Caso seja oferecido à criança um lugar onde o brincar é respeitado a cara do ambiente já diz isso. Se a criança é respeitada no seu tempo, o horário de sono é diferente. Agora, caso esteja todo mundo dormindo e duas crianças no escuro esperando as outras acordarem... é de se questionar.

Se a criança não tem sono como administrar isso? É necessário entender que aquela criança não é minha, apenas sou professora referência. É possível oferecer atividades alternativas.

Se isso não for pauta de formação, a africanidade também não vai ser. Pois isso é uma falta de respeito com as crianças de qualquer cor.

É importante compreender que você também é responsável por fazer acontecer.

Finalizando:

A Mônica se propôs a tirar as dúvidas das pessoas que quiserem entrar em contato por e-mail com relação aos textos colocados para leitura e ficou combinado que retomaremos sobre os mesmos no início do próximo encontro.

Registro realizado por: Jozina Alves Moyano
Coordenadora Pedagógica da EMEB Prof^o Silvío Teles de Souza